

Jean Matheo Piccini Lago

COMER NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE *HABITUS*

Trabalho de Conclusão de Licenciatura do Curso de Ciências Sociais, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Erni José Seibel

FLORIANÓPOLIS

2013

Jean Matheo Piccini Lago

COMER NA ESCOLA: UMA QUESTÃO DE *HABITUS*

Este Trabalho de Conclusão de Licenciatura foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciado, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, julho de 2013

Prof. Dr. Tiago Bahia Losso
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Erni José Seibel
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Marcia da Silva Mazon
Universidade Federal de Santa Catarina

Me. Éder Rodrigo Gimenes
Universidade Federal de Santa Catarina

Comer na Escola: uma questão de habitus

Resumo: Estudo sobre Alimentação Escolar, cujos objetivos são revisitar o processo histórico de criação e desenvolvimento do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e articular informações já obtidas (base de dados da pesquisa NIPP/RME/Florianópolis) sobre os beneficiários(as) do PNAE em Florianópolis, aspectos teóricos conceituais da sociologia (*campo* e *habitus*, *capital cultural* e *capital social*, sexo e raça) e as tecnologias em processamento de dados em Ciências Sociais (*Statistical Package for Social Sciences*), com o objetivo de compreender melhor o alcance do programa. Enquanto o programa se apresenta como uma oferta de alimentação para todos(as), 33,4% dos alunos(as) afirmam nunca fazer uso da merenda escolar. O hábito alimentar do aluno na escola não apresenta uma relação direta com seu hábito alimentar em casa, o que nos diz que o *campo* escolar tem um conjunto próprio de valores referentes a essa prática. A análise dos dados nos aponta uma tendência de que quanto mais o(a) aluno(a) avança na carreira escolar – em outras palavras, quanto mais internalizado o *habitus* do *campo* escolar no(a) aluno(a) - menos ele(a) faz uso da alimentação escolar.

Palavras-Chave: Alimentação Escolar. Programa Nacional de Alimentação Escolar. Hábito Alimentar. *Campo* e *habitus*.

Abstract: The present study regarding School Feeding aims at revising the historical process of designing and development of The Brazilian School Food Service (Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE) by looking at data about PNAE’s beneficiaries in Florianópolis provided by NIPP/RME/Florianópolis database; making use of some theoretical concepts from sociology (such as *camp* and *habitus*, *cultural capitol* and *social capitol*), and also Social Sciences’s data processing techniques (Statistical Package for Social Sciences). The objective of this research is to provide a better understanding of the PNAE’s scope. While the program is said to provide food supply for all students, 33.4% of the student body claims to have never consumed a school meal. The fact that students’ eating habits at school do not necessarily relate to their home eating habits tells us that schools follow their own reference values. Analysis of such data points to a trend: the more students advances in school career - in other words, the more the students have internalized the school’s habitus - the less they make use of school meals.

Keywords: School Feeding. Brazilian School Food Service. Eating Habits. *Camp* and *habitus*.

SUMÁRIO:

1.Introdução.....	11
2. Alimentação Escolar no Brasil.....	12
3. Aspectos Conceituais.....	21
4.Metodologia.....	26
5. Análise dos Dados.....	27
5.1.Sobre <i>campo e habitus</i>	29
5.2. Sobre o <i>capital cultural</i>	37
5.3. Sobre o <i>capital social</i>	40
5.4. Sobre raça, sexo e poder econômico.....	42
6. Considerações Finais.....	43
Referências Bibliográficas e Eletrônicas.....	46
Anexos.....	49

1. Introdução

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), implantado em 1955, tem como objetivo atender as necessidades nutricionais dos(as) alunos(as) durante o período regular de permanência na escola. No ano de 2013 o orçamento do programa é de R\$ 3,5 bilhões de reais para beneficiar 43 milhões de estudantes da educação básica e de jovens e adultos.

A implantação do PNAE representa, historicamente, a conquista e a garantia da alimentação escolar enquanto um direito. A partir do momento em que o Programa é efetivado todos(as) os(as) alunos(as) passam a ter acesso a esse produto escolar.

Em 2005, Prado (2010) realizou um levantamento sobre o estado da arte das pesquisas sobre segurança alimentar no Brasil. O autor identificou uma grande concentração de estudos com ênfase nos aspectos econômicos e nutricionais (custo e segurança do alimento) em disparidade com as poucas análises dos aspectos sociais (direito humano a alimentação saudável).

Entre os estudos encontrados que tem ênfase na questão social da alimentação escolar (BEZERRA, 2009; COSTA, 2004; CARVALHO e CASTRO, 2004; CARVALHO e MUNIZ, 2007; VIANA e TEREZO, 2000) enfatizam a questão da alimentação escolar como um direito e pouca ênfase na relação que os alunos das escolas tem com o alimento.

Nossa proposta nesse trabalho objetivo revisitar as ações que foram tomadas historicamente tanto pela sociedade civil quanto pelo

Estado, em relação a questão do auxílio a alimentação na escola, sua transformação, dentro do campo político, de assistencialismo a um direito de fato, que hoje é efetivado através do PNAE. Também vamos falar um pouco sobre a organização do programa hoje.

Nossa proposta neste trabalho é enfatizar o olhar sociológico sobre o ato da alimentação escolar. Mais especificamente, correlacionamos variáveis de caráter sociológico - gênero, etnia, *capital cultural*, *capital social* – com os hábitos alimentares no ambiente escolar entre os(as) alunos(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Para tanto vamos utilizar os dados obtidos na pesquisa Núcleo Interdisciplinar em Políticas Públicas/Rede Municipal de Ensino/Secretária Municipal de Educação (NIPP/RME/SME) realizada em 2009.

Os dados nos mostram que os(as) alunos(as) utilizam a alimentação escolar de diferentes formas, para alguns pode ser uma necessidade enquanto para outros não, o que é resultado de diferentes significações sobre o mesmo produto escolar.

2. Alimentação Escolar no Brasil

O acesso à alimentação na escola é um direito, para muitos uma necessidade, e constitui-se como um fator importante no que se refere à escolarização de alunos(as) nas escolas públicas do país. Com dimensões continentais, o Brasil possui realidades diferentes no que se refere a alimentação.

Rose (2008) nos mostra dados de que em 2008 a média de consumo calórico per capita do cidadão brasileiro era de três mil e sessenta kilo-caloria/dia, enquanto em estudo publicado em 2009, sobre uma escola pública localizada em um bairro de Fortaleza, Bezerra (2009) nos fala que nos dias em que não havia merenda na escola, os alunos eram dispensados mais cedo.

Sobre a situação da desigualdade social no país e as diferenças regionais na questão da alimentação Costa nos mostra alguns dados sobre a questão,

"50 milhões de pessoas, 29,3%, ganham até R\$80 por mês, ou seja, dinheiro insuficiente para garantir o mínimo da alimentação necessária; O 1% dos mais ricos detêm uma renda correspondente à soma dos 50% mais pobres, dito de outra forma, os 10% mais ricos ganham 18 vezes mais que os 40% mais pobres, caracterizando os rendimentos desiguais da sociedade brasileira; mais de 50% da população Nordeste, 24 milhões, passam fome, sendo que nos estados do Maranhão (63%), Piauí (61%), Ceará (55,7%), Alagoas (55,4%), Bahia (54,8%), Pernambuco (50,9%), Paraíba (50,2%), Sergipe (50,1%) e Rio Grande do Norte (46,9%) da população são considerados pobres extremos. (Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – síntese dos indicadores sociais de 2002 e mapa da fome da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apresentados pelo Jornal o Povo de 13 de junho de 2003. *apud* COSTA, 2004, pg 31.)

De acordo com Rose (2008) o problema de alimentação no Brasil não está na produção de alimentos, mas no acesso e na utilização

deste alimento. A Segurança Alimentar é um tema polêmico, porém não esquecido pelo governo brasileiro, que desenvolve uma séria Política Nacional de Segurança Alimentar e Combate a Fome, a qual consta com inúmeros programas¹ com o objetivo de eliminar o problema da fome no país.

As políticas de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN)² estão subordinadas ao Direito Humano a Alimentação Adequada (DHAA) e a Soberania Alimentar. Esses direitos, o de alimentação adequada e o de soberania dos povos em definir suas próprias estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos, devem orientar a definição de estratégias de desenvolvimento do país, a formulação de políticas públicas referentes aos seus objetivos, além de modos de implementação e instrumentos de monitoramento social. (Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: a experiência Brasileira, 2009).

Sobre o problema da desigualdade alimentar no país, Costa (2004) nos afirma que ele é remanescente do Brasil colônia. Durante o século XIX e o início do século XX inúmeros acontecimentos históricos

¹ Fome Zero, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA), Programa de Alimentação do Trabalhador, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

² A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis. (Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: a experiência Brasileira, 2009, pg. 32)

contribuem para a importância da questão no país – abolição da escravidão e expansão demográfica urbana, a vinda de grandes contingentes de imigrantes europeus, a penetração do capitalismo na produção interna com a consequente criação de uma classe operária, as crises sociais e econômicas que foram resultado da I Guerra Mundial (1914 – 1918), dentre outros.

O dinamismo do agravamento das crises sociais vivenciadas pela população brasileira, e também por parte da população mundial, nos é apresentado por Cavalcanti (*apud* COSTA, 2004, pg 23),

Em 1940 o Brasil tinha 41,2 milhões de habitantes (IBGE, 1982). Em 1990, o número de pessoas “abaixo da linha da pobreza” no país alcançava 42 milhões (PNUD-IPEA, 1996, p.22). ou seja, cinquenta anos de “progresso” rápido e supostamente ilimitado, com taxas de aumento do PIB superiores a 5% ao ano, em média, levaram simplesmente a uma situação em que o total de indivíduos na extrema pobreza, no país, no final do período, supera a população total do começo. A população mundial, por sua vez, era de 1,5 bilhão de pessoas em 1900. Em 1996, as que viviam abaixo da linha da pobreza no planeta somavam 1,6 bilhão (UNDP,1996). Em que medida se pode dizer com segurança que a pobreza está sendo reduzida em termos globais?

Junto com os demais fatores, a existência de diferentes grupos de pressão, os quais tem como objetivo que seus interesses e valores sejam considerados, influenciam o Governo Brasileiro a desenvolver uma política específica para Alimentação Escolar. Sobre isso Kliksberg (*apud* COSTA, 2004, pg. 24) nos afirma que,

Num programa de merenda escolar pode-se mencionar os seguintes grupos: os altos funcionários, os implementadores diretos, os produtores dos alimentos a serem distribuídos, os encarregados dos centros de distribuição, os intermediários que entregam as mercadorias aos centros escolares, os alunos diretamente beneficiados, os professores, os diretores das escolas, os pais de estudantes, os partidos políticos, os grupos de moradores etc.

Esses são alguns fatores, observados de uma perspectiva macro, que influenciaram o campo político brasileiro a repensar a relação do Estado com a Alimentação Escolar. No restante desse capítulo vamos expor, cronologicamente, os auxílios a Alimentação Escolar no País até isso tornar-se um direito constitucional e um programa governamental. Iremos, também, tratar sobre as alterações do programa com passar do tempo e também como é o funcionamento dele hoje.

Ações de auxílio a alimentação escolar acontecem desde o início do século XX, um exemplo dessas iniciativas pioneiras são as caixas escolares criadas por associações de auxílio, algumas escolas também contavam com a ajuda de entidades filantrópicas que desenvolviam atividades com o intuito de auxiliar a distribuição da merenda. (COSTA, 2004)

No Brasil as primeiras iniciativas de auxílio a alimentação escolar não faziam parte do campo de intervenção do Estado. Esse auxílio acontecia através de doações isoladas da população para as escolas. Tais iniciativas aconteciam em diversos lugares no país, com as primeiras sendo datadas em 1908, quando a maçonaria fornecia

alimentação às escolas de Corumbá e Campo Grande no Mato Grosso. (CARVALHO E CASTRO, 2004)

Alguns outros locais também tiveram experiências de distribuição de merenda escolar antes de 1955, como foram nos estados de São Paulo, Pará, Amazonas, Ceará, no interior de Minas Gerais, no município do Rio de Janeiro e na cidade de Teresina. (COSTA, 2004).

Os primeiros programas voltados para a questão da alimentação no país surgiram a partir da década de 1930, juntamente com o primeiro inquérito sobre alimentação, orçamento familiar e condições de vida da população (CARVALHO E CASTRO, 2004).

No ano de 1955 foi criado, como política assistencialista, o Programa Nacional de Merenda Escolar (PNME) sob responsabilidade da Comissão Nacional de Alimentação (CNA). O programa teve o objetivo de melhorar as condições nutricionais e de saúde do(a) aluno(a) fornecendo alimentação suplementar. O PNME, junto com outros programas sociais, fazem parte de uma política compensatória governamental que visa atender cidadãos que são excluídos pelos mecanismos do mercado à serviços que são direitos constitucionais (saúde, moradia, educação, transporte etc.) (COSTA, 2004).

Através do Decreto-lei nº37.106, em 1955, é oficializado o PNME/CNA, e criada como Campanha Nacional de Alimentação Escolar (CNME), a qual contava com doações de leite em pó do Fundo Internacional de Socorro à Infância (Fisi) e beneficiava inicialmente os estados do Nordeste brasileiro. No início da década de 1970 a ajuda alimentar internacional foi diminuindo, o que resultou na instalação das

primeiras indústrias alimentícias brasileiras que tentavam ocupar esse espaço aberto no mercado.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é criado em 1979 passa por transformações e adquire um caráter mais complexo, com objetivo de melhorar o fornecimento do alimento para as escolas. Em 1983 cria-se a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a qual passa a se responsabilizar pelo PNAE, e institui que a compra dos alimentos da Alimentação Escolar será feita junto à COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos), tendo como objetivo desenvolver cardápios regionalizados.

Durante a gestão de Fernando Collor de Mello na presidência da República a FAE foi submetida a auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) e a investigação da Comissão Parlamentar de Inquérito da Fome da Câmara dos Deputados. Foram constatadas inúmeras irregularidades relacionadas à compra dos alimentos pela FAE. Uma dessas irregularidades era um cartel no mercado utilizado pela Fundação. E em 1991, uma segunda investigação, após denúncias, descobriu que a FAE havia adquirido 54 bilhões de cruzeiros em alimentos sem crédito orçamentário, o que acarretou na extinção da mesma.(COSTA,2004).

Em 1988, com a promulgação da Carta Magna, a Alimentação Escolar passou a constituir-se um direito de fato. O Art. 208 da Constituição determina como dever do Estado garantir, por meio de programas suplementares à educação, o atendimento ao aluno com

material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) reitera o mandamento.

Nesse mesmo ano também devido ao promulgação da Carta Magna, Campos (COSTA 2004,pg. 29) nos diz que "ocorreu uma descentralização nas ações do Estado e os setores da sociedade civil foram convocados a participarem do gerenciamento e execução dos projetos nas áreas sociais". Apesar da descentralização ter sido idealizada em 1988 foi somente em 1993 que ela teve inicio de verdade, quando os Estados e Municípios tiveram autonomia na gestão dos recursos do PNAE.

Abreu (*apud*. CARVALHO E CASTRO, pg 3) nos fala, resumidamente, sobre os objetivos da descentralização,

inicia-se o processo de descentralização dos recursos financeiros destinados ao Pnae para os estados e municípios com o intuito de otimizar o desempenho; introduzir mudanças na sistemática de compras; implantar a produção alternativa de alimentos; e utilizar produtos básicos *in natura* e semi-elaborados da localidade, o que permitiu melhorar a aceitabilidade das refeições e diversificar os cardápios.

Em 1994, é criada a Lei nº 8913, a qual regulamenta a municipalização da alimentação escolar e a coloca a cargo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Duas resoluções do FNDE, nº32/2006 e nº38/2008, normatizam a gestão dos repasses financeiros e as maneiras de execução do PNAE. Sobre isso, Carvalho e Castro (CARVALHO E CASTRO, pg.5) nos dizem,

As normas determinam como beneficiários todos os alunos matriculados em escolas públicas e filantrópicas conveniadas de educação infantil e ensino fundamental do País, incluindo creches, escolas de ensino regular/especial, urbana/rural; diurno/noturno/integral e em comunidades indígenas/quilombolas. Todos, independentes da situação socioeconômica, raça, cor, credo, têm direito à pelo menos uma refeição diária durante 200 dias letivos, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996. A clientela cresce a cada ano, implicando a ampliação orçamentária. Sua evolução ao longo de mais de 50 anos como política pública demonstra a progressiva reversão de um modelo assistencialista para garantia de um direito social.

O PNAE tem como objetivo atender as necessidades nutricionais do(a) aluno(a) durante o período escolar (alunos de período integral recebem quantidades calóricas equivalentes ao seu período escolar). Com isso o programa visa auxiliar os alunos a se desenvolverem física e intelectualmente, também promovendo hábitos alimentares saudáveis³.

Os valores repassados pela União para os estados e municípios por dia letivo para cada aluno variam de acordo com algumas etapas de ensino: para creches R\$1; Pré-escola R\$0,50; Escolas indígenas e quilombolas R\$ 0,60; Ensino Fundamental, médio e Educação de Jovens

³ De acordo com o artigo 208, incisos IV e VII, da Constituição Federal, é dever do Estado, em todas as suas esferas governamentais, garantir o atendimento de alunos em creche e pré-escola, crianças de 0 a 6 anos de idade, e também o atendimento ao aluno no Ensino Fundamental com programas suplementares de material didático, transporte, alimentação e assistência à saúde.

e Adultos R\$ 0,30; Ensino Integral R\$ 0,90⁴. O que define o valor repassado para os estados e municípios é o censo escolar do ano anterior. Para a fiscalização do programa existem os Conselhos de Alimentação Escolas (CAEs), o Tribunal de Contas da União (TCU), a Secretaria Federal de Controle Interno (SFCI) e o Ministério Público.

3. Aspectos Conceituais

O nosso objetivo é compreender quais elementos, além da disponibilidade da Alimentação Escolar, influenciam o(a) aluno(a) em fazer ou não o uso dela. Para isso, precisamos, primeiramente, pensar a alimentação também como uma questão social e cultural, e não apenas um direito ou um fator nutricional.

Segundo Zaluar (*apud.* BEZZERRA, 2009) o alimento é a principal categoria de articulação dos pobres urbanos sobre a sua condição. Com efeito, Da Matta (*apud.* BEZZERRA, 2009) nos apresenta diferenças entre comida e alimento – alimento é aquilo que é consumido para garantir a sobrevivência da pessoa, enquanto comida é tudo o que se come com prazer. A alimentação, muito além de ser algo somente para a sobrevivência, constitui-se como um elemento social de articulação sobre as condições de classe e também como um elemento

⁴Informações retiradas de <http://www.fnde.gov.br/programas/alimentacao-escolar/alimentacao-escolar-apresentacao>, acesso em 16/04/2013.

diferenciação social. Com efeito, a alimentação fica longe de ser algo simplesmente afetado pela necessidade fisiológica.

Os autores nos dizem que a alimentação possui um significado simbólico que vai além do acesso e da necessidade fisiológica. Enquanto o alimento é a principal categoria de articulação dos pobres urbanos sobre sua condição, nós queremos identificar quais fatores (sociais e culturais) estão associados com o uso da Alimentação Escolar. Neste sentido a decisão de fazer uso ou não da alimentação pode ter interferência de fatores simbólicos, de identidades geracionais próprias da idade escolar, a condição de ser criança ou pré-adolescente ou, ainda de ser pobre ou não.

Entendemos que os conceitos de Bourdieu são muito utilizados na pesquisa educacional no Brasil, principalmente sobre as condições de produção e de distribuição dos bens culturais e simbólicos, entre os quais se incluem os produtos escolares. Dessa forma, algumas das ferramentas teóricas do autor vão nos orientar conceitualmente para entender esta questão. (CATANI; CASTRO, 2003).

O primeiro conceito que gostaríamos de introduzir é o conceito de *campo*. O campo, para Bourdieu (1989), é um espaço simbólico. É dentro desse espaço onde se criam, entram em disputa e se legitimam as possíveis representações para cada *campo*. O *campo* define critérios e valores para o que é e o que não é válido dentro dele. Porém, para Bourdieu, não existem critérios universais tal como a idéia de arte universal, isso porque os *campos* são históricos, estão ligados a cada

período histórico e sendo assim, seus critérios e seus valores são ser redefinidos a cada período.

A teoria dos campos nos diz que os indivíduos estão/podem estar inseridos em diversos campos ao mesmo tempo, tal como um(a) aluno(a) está inserido tanto no *campo familiar* como no *campo escolar* e, talvez, em diversos outros campos. Sendo assim o aluno estaria em processo de internalização e intersecção de diferentes *habitus* ao mesmo tempo.

Sobre o conceito *habitus* Bourdieu (BOURDIEU, Pierre. In: ORTIZ, Renato, 1983. pg. 65) nos diz que,

(...) sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados.

O *habitus* ocorre com a internalização das proposições do campo. É um princípio de correspondência entre as práticas individuais e as condições sociais de existência de cada campo. Com essas proposições internalizadas os indivíduos passariam a ter respostas automáticas para certas questões, existiriam práticas as quais a reflexão não seria necessária. Sendo assim a relação entre *campo* e *habitus*

sugere um poder simbólico, pois ele se exerce nos indivíduos sem que eles percebam.

Esses dois conceitos nos são úteis para pensar a relação entre os diversos *campos* que cada aluno(a) pode estar inserido e, se os diferentes *habitus* desses *campos* têm relevância na escolha do aluno em fazer uso da alimentação escolar ou não. Podemos levar em consideração ainda que o *habitus* não é automaticamente internalizado, ele acontece através de um processo de formação do indivíduo dentro de cada *campo* específico, dessa forma podemos perceber se a internalização de um *habitus* específico (o do *campo* escolar) é mais relevante que outros *habitus* (o do *campo familiar*).

Outro conceito que vamos utilizar é o conceito de *capital social*. Sobre ele Bourdieu (2004, pg. 67) nos diz que,

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o reconhecimento dessa proximidade.”

O conceito de capital social nos ajuda a pensar se a existência de “uma rede durável de relações” entre a família do (a) aluno(a) e a escola, ou seja se a existência de um capital social entre esses agentes, tem relevância no uso ou não da alimentação escolar.

Outro conceito que vamos utilizar é o conceito de *capital cultural*. Sobre este conceito Bourdieu (2004, pg.74) nos diz que,

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadro, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais.

Para o autor, o capital cultural caracteriza-se como um princípio de diferenciação quase tão poderoso como o do capital econômico. A escola, *a priori*, categoriza todos os seus alunos como iguais, ignorando esse princípio de diferenciação introduzido por Bourdieu, e ao perceber, durante o percurso de formação dos alunos, a diferença entre eles, categoriza essa diferença como dons inatos e não como algo resultante tanto de um esforço individual quanto a um diferente nível de acesso aos bens culturais.

Sendo o *capital cultural* um princípio de diferenciação tão poderoso como o do capital econômico, nós queremos perceber se a

existência dele (a escolaridade da mãe é um tipo de *capital cultural*; a diferença entre os(as) alunos(as) das séries iniciais e finais pode ser um *proxy* de *capital cultural*; a participação do(a) aluno(a) em atividades de formação também pode ser um *proxy* de capital cultural) é relevante para o uso da alimentação escolar ou não.

4. Metodologia

Trabalhar com Alimentação Escolar, buscando compreender quais são as variáveis que tem influência sobre o aluno no momento em que ele escolhe fazer o uso desse serviço e, dessa forma, buscar entender as diferentes significações que são criadas sobre esse alimento pelos diferentes alunos é uma tarefa que requer método e como já nos disse Bourdieu (1989, pg.26) “A pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso”.

Para o desenvolvimento do trabalho utilizamos um banco de dados da pesquisa NIPP/RME/Florianópolis⁵. Esta pesquisa foi realizada em 2009 e atingiu 8.231 alunos de 10 a 14 anos do ensino fundamental da rede pública (82% do total). A pesquisa teve ampla finalidade. O questionário possui 53 questões, que abordam o perfil socioeconômico do(a) aluno(a), a rotina do(a) aluno(a) extraclasse em

⁵ Uma cópia do questionário consta como o Anexo 1.

dias de aula, a participação dos pais na vida escolar do(a) aluno(a) e nas atividades da escola, atividades de formação que o(a) aluno(a) participa, o desempenho escolar, os hábitos alimentares do(a) aluno(a) em casa e na escola, a utilização ou não de alguns espaços e recursos que a escola possui.

Os dados foram processados em SPSS permitindo assim realizar análises descritivas (*Crosstabs*) e testes de correlação bivariada (coeficiente de correlação linear de *pearson*) entre diferentes variáveis.⁶ Todas as nossas correlações são de variáveis lineares, e o coeficiente de *pearson* é o mais indicado pela literatura nesses casos. Em relação a qualificação do coeficiente vamos utilizar os critérios de Barbetta (2001). Para a correlação das perguntas, tentando ir além do senso comum e de análise estritamente estatística dos dados, nos propomos a encontrar correspondência entre algumas das questões e variáveis sociológicas.

5. Análise dos Dados

No questionário aplicado constam 5 questões sobre o hábito alimentar dos(as) alunos(as). Um teste de frequência da questão 48 “Com que frequência você faz uso da alimentação escolar?” obtemos os seguintes dados: 28,1% dos alunos fazem uso da alimentação escolar “1 a 2 vezes por semana”; 15,2% “3 a 4 vezes por semana”; 22,6% “Todos

⁶ O banco de dados havia sido previamente desenvolvido pelo NIPP e estava em formato (extensão “.spv”) apto a ser utilizado no programa SPSS.

os dias da semana” e 34,1% afirmam “Nunca” fazerem uso da alimentação escolar

Podemos dizer que 66,2% dos(as) alunos(as), apesar de terem a disposição diariamente a alimentação escolar, fazem a escolha de não utilizá-la regularmente, em outras palavras, não desenvolvem o hábito de comer na escola, sendo que mais de um terço afirma nunca fazer o uso.

Nesse primeiro teste percebemos que 34,1% dos alunos afirmam que “Nunca” utilizam a alimentação escolar, levando em consideração que todos eles tem acesso a ela regularmente. Dessa forma, nós queremos problematizar isso, o que leva o aluno a fazer ou não o uso da alimentação escolar.

Bourdieu (2004, pg. 41-42) nos diz que,

(...) cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar (...).

Sendo assim, podemos concluir que a diferença inicial entre a escolha dos alunos em fazer ou não uso da alimentação escolar é orientada por um *capital cultural* e por um *ethos* previamente adquiridos pela criança, porém sendo a escola um campo transmissor de *capital cultural* a orientação do aluno pode alterar com o tempo em que está

inserido no campo, e conseqüentemente alterando a sua relação com a Alimentação Escolar.

5.1 Sobre *campo* e *habitus*

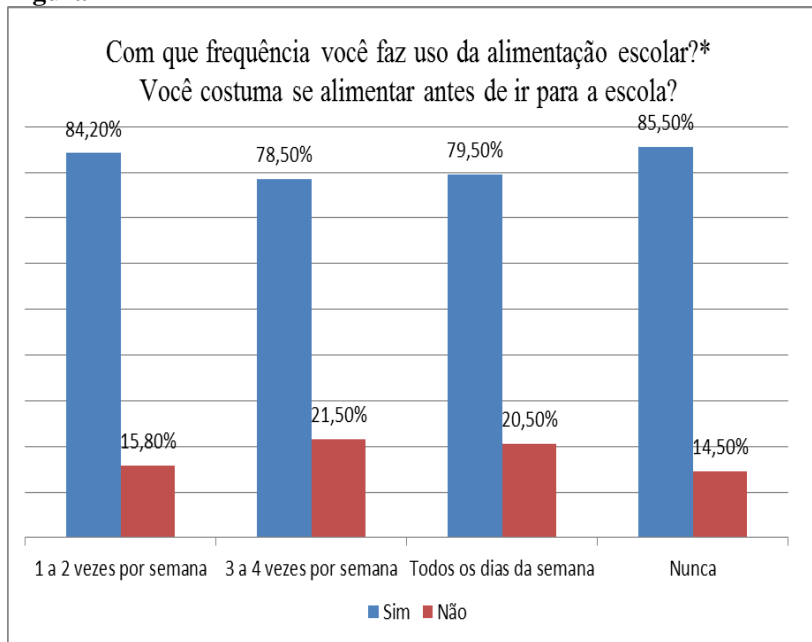
Um primeiro elemento que poderia explicar essa diferença entre os(as) alunos(as) que têm o hábito de se alimentar na escola e os(as) que não têm, é o fato de se alimentarem antes de ir à escola ou não. O nosso universo é composto por crianças e pré-adolescentes, com efeito, é muito provável que eles não sejam autônomos(as) quanto a sua alimentação.

Sendo assim, temos dois aspectos a considerar: primeiro, não sendo autônomos(as) quanto a sua própria alimentação, essa é desenvolvida por outra pessoa, provavelmente os pais ou responsável. Segundo, estamos presumindo que o(a) aluno(a) não come na escola porque tem o hábito de comer previamente, dessa forma, os(as) alunos(as) que “Nunca” comem na escola comeriam todos os dias da semana antes de ir para a escola, e vice-versa.

Esses dois aspectos nos indicam que o hábito alimentar do aluno seria muito influenciado por um *habitus* referente a outro *campo* que não o escolar. Para testarmos esse pressuposto, de que os(as) alunos(as) que se alimentam antes de ir para escola são os(as) alunos(as) que não fazem uso da alimentação escolar, vamos cruzar a questão 48 “Com que frequência você faz uso da alimentação escolar?” com a

questão 51 “Você costuma se alimentar antes de ir para a escola?”. Os dados são expressos abaixo:

Figura 1



Fonte: NIPP/SME/PMF

O quadro um nos mostra um padrão de comportamento, com variações muito pequenas. O teste de correlação bivariada nos apresenta que a correlação não é significativa. Tanto a análise descritiva quanto a correlação bivariada nos apontam para a não existência de uma relação entre o fato de o(a) aluno(a) comer antes de ir para a escola e por causa disso não fazer uso da alimentação escolar.

O primeiro campo do qual o aluno faz parte é o familiar, é o lugar onde primeiramente entra em contato com um conjunto de valores a serem seguidos, ou seja é aonde entra em contato com um *habitus*.

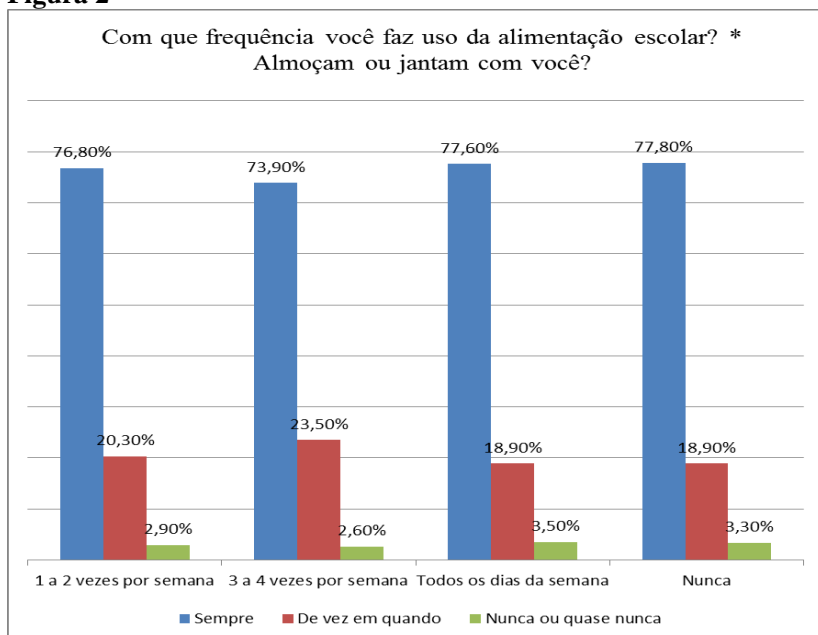
Sobre isso Rosa (2000, pg. 2) nos diz que

(...) deve-se observar, a escola, na sociedade contemporânea, não é o único espaço de socialização da criança; pelo contrário, ao ingressar na escola, a criança é portadora de um *habitus*, (...), adquirido durante o processo de socialização primário a cargo da família e de outros agentes os quais interage no seu cotidiano.

Dessa forma, pensamos poder existir uma relação entre o *habitus* familiar e o *habitus* escolar no que se refere à alimentação. O aluno que tem o hábito de se alimentar com a família regularmente pode não ter o hábito de fazer uso da alimentação escolar e vice-versa. Sendo assim, temos um segundo pressuposto, o de que existe uma correspondência entre o *habitus* familiar e o escolar.

Para testá-lo vamos cruzar a questão 48 “Com que frequência você faz uso da Alimentação Escolar?” com a questão 34.3 “Seus pais almoçam ou jantam com voce?”. Os dados são expressos abaixo:

Figura 2



Fonte: NIPP/SME/PMF

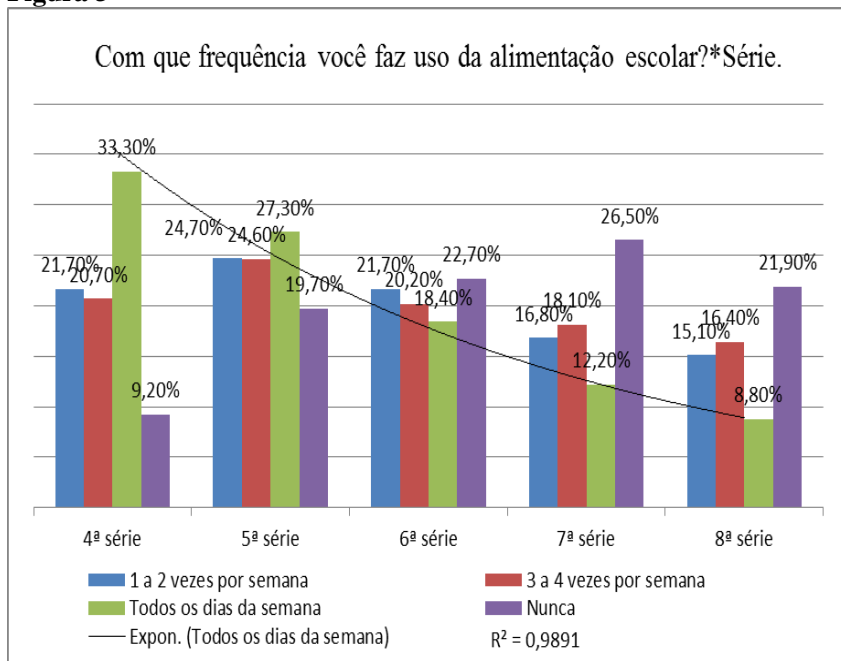
O quadro 2 nos mostra um padrão de comportamento, com variações muito pequenas, sendo assim, podemos pensar que o hábito alimentar em casa não tem influência direta no hábito alimentar na escola. A tabela também nos dá um indício de que não existe uma correspondência entre o *habitus* familiar e o *habitus* escolar. O teste de correlação bivariada nos diz que a correlação não tem significância estatística. O que nos confirma que o hábito alimentar familiar não influencia no hábito alimentar escolar.

Essa questão apontada na pesquisa parte da postura dos(as) aluno(as) das séries finais, comparado com os(as) alunos(as) das séries

iniciais. Os dois perfis caracterizam-se por experiências escolares distintas. Os(as) alunos(as) da 4ª série, que faz parte das chamadas séries iniciais, têm somente um(a) professor(a) responsável por cada turma. A partir do momento que esses(as) alunos(as) entram na 5ª série essa estrutura se altera, cada disciplina conta agora com um professor específico. Esse fenômeno escolar (a entrada na 5ª série), acontece em conjunto com a condição de pré-adolescente, fase qual suscita o começo de um maior vínculo com os amigos e um distanciamento da família como grupo de referência. A pré-adolescência é conhecida como a “primeira rebeldia” sendo que um dos exemplos dela é deixar de comer a comida de casa e comer a comida da rua. Pensamos essas transições de duas formas, a primeira referente a uma alteração no *habitus* de um *campo* o qual o aluno já está inserido (*campo* escolar) devido a uma alteração na posição do(a) aluno(a) dentro do *campo*; a segunda transição, a da infância para a adolescência, como uma transição na importância que o(a) aluno(a) dá para diferentes *habitus*, o qual ele(a) compartilha com a família e o qual ele(a) compartilha com os(as) amigos(as).

Para testar esse pressuposto, o de que essas duas transições fariam com que o(a) aluno(a) se alimentasse menos na escola, vamos cruzar a questão 48 “Com que frequência você faz uso da merenda escolar?” com a série em que os alunos se encontram. A série não consta como uma questão, ela encontra-se no cabeçalho do questionário. Os dados são expressos abaixo:

Figura 3



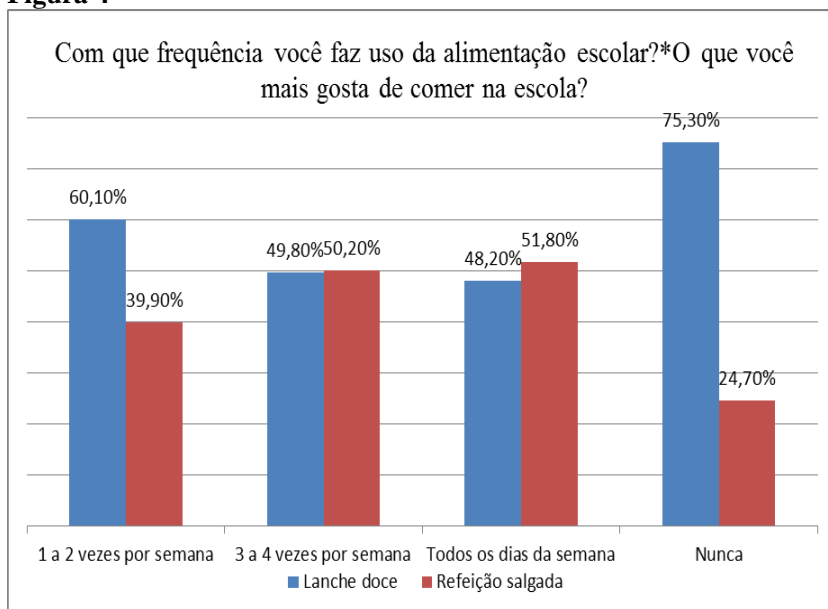
Fonte: NIPP/SME/PMF

O quadro 3 nos mostra os maiores índices de uso da alimentação escolar quando os(as) alunos(as) estão na 4ª série, e o que acontece é uma diminuição exponencial nos índices da opção “Todos os dias da semana” para cada próxima série na vida escolar do(a) aluno(a). Praticamente o inverso acontece com os índices da opção “Nunca”. O teste de correlação nos dá o coeficiente *pearson* de 0,124 o que nos indica que a correlação entre as variáveis não é forte, apesar de ser a correlação que obteve o maior coeficiente. O coeficiente R^2 nos indica a adequação da linha ao gráfico, sendo que quanto mais próximo de 1, mais adequada.

A discussão sobre o ato de se alimentar na escola já trás algumas reflexões sobre significados que a merenda apresenta para os(as) alunos(as). Segundo Bezzerra (BEZZERA) a merenda apresenta-se como alimento (necessidade fisiológica) e também como comida (construção social), ultrapassando, o caráter de satisfação de necessidade fisiológica. Como já vimos anteriormente Da Matta (*apud* BEZERRA, 2009) nos apresenta as diferenças entre comida e alimento – alimento é aquilo que é consumido para garantir a sobrevivência da pessoa, enquanto comida é tudo o que se come com prazer.

Levando em consideração os limites de teste dessa relação, porque é difícil ser preciso em dizer o que é comida e o que é alimento para cada aluno(a), nós vamos cruzar a pergunta 48 “Com que frequência você faz uso da alimentação escolar?” com a questão 50 “O que você mais gosta de comer na escola?”. O que o(a) aluno(a) mais gosta de comer na escola se aproxima com o que ele(a) classifica como comida, e o que ele(a) menos gosta se aproxima do que ele(a) classifica como alimento. Os dados são expressos abaixo:

Figura 4



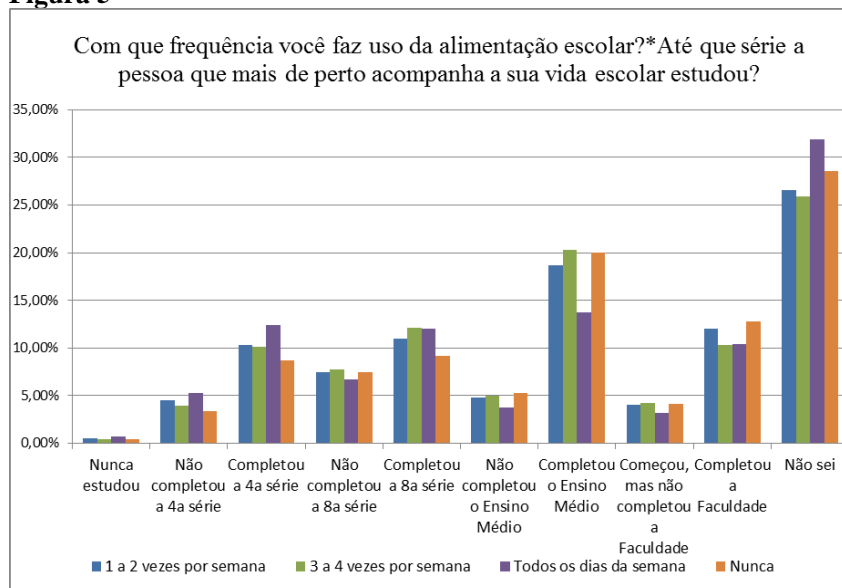
Fonte: NIPP/SME/PMF

O quadro 4 nos mostra que a preferência por “Lanche doce” tem o seus maiores índices entre os(as) alunos(as) que “Nunca” comem na escola, enquanto que a preferência por “Refeição salgada” apresenta seus maiores índices entre os(as) alunos(as) que se alimentam na escola “Todos os dias da semana”. O teste de correlação nos dá o coeficiente *pearson* de -0,103. O coeficiente nos diz que a correlação entre as variáveis acontece negativamente, o que significa que existe uma tendência a os alunos preferirem o “Lanche doce”.

5.2 Sobre o Capital Cultural

Bourdieu (2004) nos disse que o *capital cultural* é um fator importante na construção de significado do(a) aluno(a) em relação à escola. Para testar se existe uma relação entre o *capital cultural* familiar e o uso da alimentação escolar, vamos cruzar a questão 48 “Com que frequência você faz uso da alimentação escolar?” com a questão 27 “Até que série a pessoa que mais de perto acompanha a sua vida escolar estudou?”. Pensamos que a pessoa que mais de perto acompanha a vida escolar do aluno(a) seja a que mais influencie ele(a) nos seus processos de significação da escola. Os dados são expressos abaixo:

Figura 5

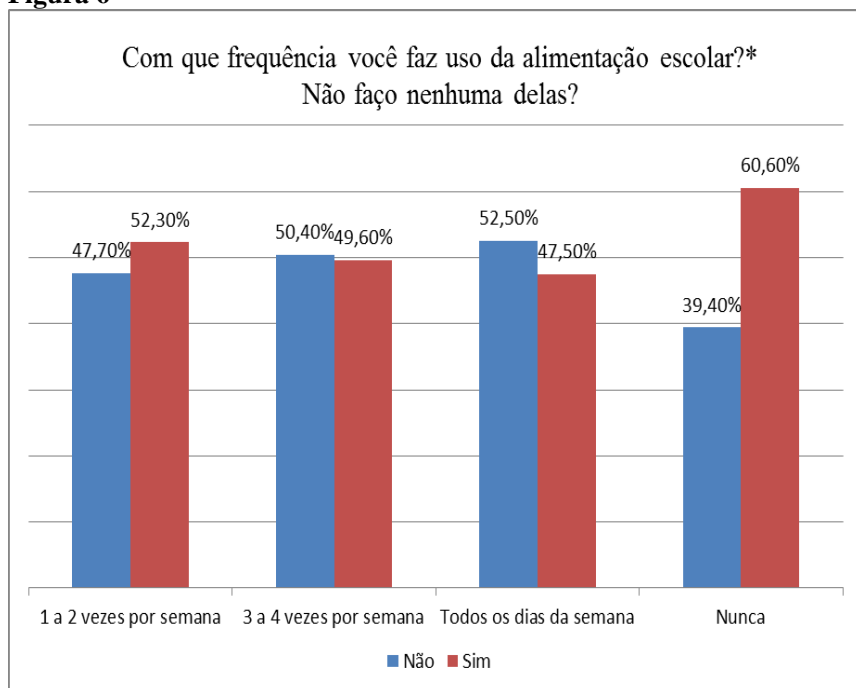


Fonte: NIPP/SME/PMF

O quadro 5 nos mostra primeiro que, a maioria dos(as) alunos(as) não sabe a escolaridade dos pais. O que foi considerado um fato preocupante na pesquisa, é que são justamente esses(as) alunos(as) que estão com os maiores índices de fazer uso da alimentação escolar em todas suas modalidades. O teste de correlação nos dá o coeficiente *pearson* de 0,035 o que nos diz que existe uma correlação muito fraca entre as variáveis.

Outra forma de testarmos a existência de uma relação entre o *capital cultural* e o uso da merenda é através de um cruzamento da questão 48 “Com que frequência você faz uso da alimentação escolar?” com a questão 40.7 “Não faço nenhuma delas?”. Essa questão é referente a um grupo de perguntas que tem o objetivo de constatar a quantidade de alunos que participa de atividades de formação extra-classe – Participa de ONG ou CEC? Participa de projeto educativo na escola (dança, esportes, artes,etc.)? Participa de algum curso de esporte, língua estrangeira ou informática? Vai a biblioteca ou livreria? Frequenta algum grupo religioso?. Os dados são expressos abaixo:

Figura 6



Fonte: NIPP/SME/PMF

O quadro 6 nos mostra que existe uma variação, principalmente entre as respostas “Todos os dias da semana” e “Nunca”. Enquanto o menor índice percentual dos alunos que não fazem nenhuma das atividades de formação está presente, em “Todos os dias da semana” o maior índice está em “Nunca”, o inverso acontece com os alunos que participam de alguma dessas atividades. Através do teste de correlação obtivemos o coeficiente *pearson* de 0,062 o que nos indica que a correlação fraca entre as variáveis.

5.3 Sobre o Capital Social

Outro fator que consideramos poder ser importante é a existência de um *capital social* entre a família do aluno e a escola. A participação dos pais nas atividades da escola, e também na formação do aluno ajudando, o filho nas tarefas escolares dele, podem influenciar o aluno em fazer uso da alimentação escolar.

Silva (1996) nos diz que para a construção da autonomia da escola pública é imprescindível a participação da comunidade, isso porque a escola pública só será autonomia na medida em que esteja a serviço dos interesses autênticos da população.

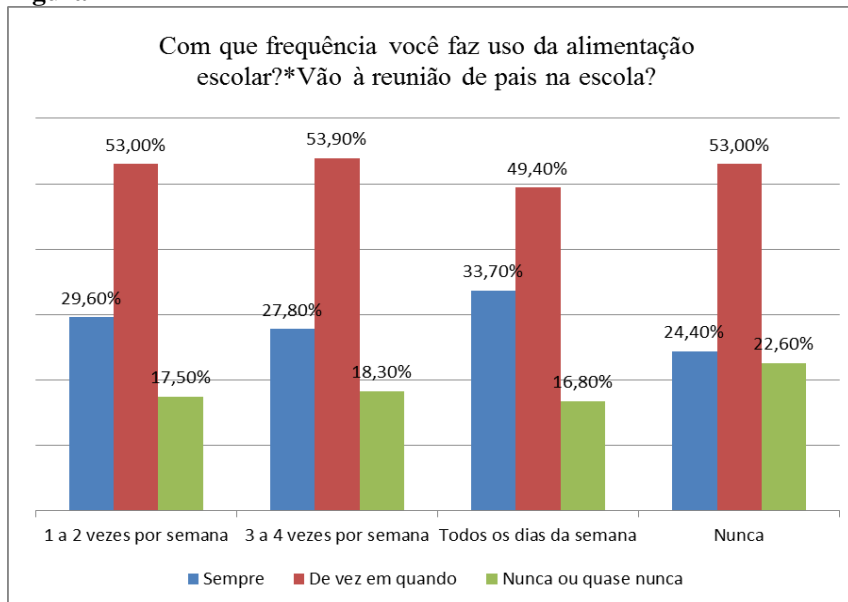
Paro (2003) argumenta que os pais e os alunos, como usuários da escola, são capazes de apontar problemas e dar sugestões para a resolução dos mesmos. Embora o autor considere que a simples execução de tarefas (participar na organização de festas, rifas, etc.) possa ser o início de um processo de participação mais crítica na escola, argumenta que é necessário efetivar a partilha do poder, possibilitando à comunidade participar na tomada de decisões.

Dessa forma, o envolvimento da família na escola teria um impacto na questão da alimentação escolar, porque caso ela fosse apontada como um problema para o aluno, a escola receberia reclamações dos pais.

Para testar esse pressuposto cruzamos a questão 48 “Com que frequência você faz uso da alimentação escolar?” com a questão 34.2

“Seus pais vão à reunião de pais na escola?”. Os dados que obtivemos são expressos abaixo:

Figura 7



Fonte: NIPP/SME/PMF

O quadro 7 nos mostra que os pais dos alunos(as) que “Nunca ou quase nunca” vão a reunião de pais na escola apresentam seu menor índice em “Todos os dias da semana” e o seu maior índice em “Nunca”, enquanto que o inverso disso acontece com os pais dos alunos que “Sempre” vão à reunião de pais na escola. O teste de correlação nos dá o coeficiente *pearson* de 0,050 o que aponta para uma correlação fraca entre as variáveis.

5.4 Sobre Sexo, Raça e Poder Econômico

Nos propomos a testar outras variáveis sociológicas clássicas (sexo, raça) como sendo possíveis elementos de diferenciação entre os alunos(as) e o uso da alimentação escolar. Para essas variáveis não criamos tabelas, fizemos apenas os testes de correlação para mensurar a força dessa correlação. No teste de correlação entre a questão 48 “Com que frequência você faz uso da Alimentação Escolar” e “Sexo” não foi obtida significância estatística para comprovar a correlação entre as variáveis. No teste de correlação entre a questão 48 e a questão 2 “Como você se considera?” o teste de correlação também não apresenta significância estatística.

Não tivemos acesso a uma outra variável clássica da sociologia (poder econômico) para testá-la como um elemento que pode caracterizar uma diferença entre o uso da alimentação escolar entre os alunos(as), levando em consideração que o público entrevistado (crianças entre 9 e 15 anos) pode não ter conhecimento de quantos salários mínimos a família ganha, uma pergunta como essa não foi colocada no questionário. Para avaliar essa questão são colocadas inúmeras questões (tem televisão em casa?; A família tem carro? Quantos?; computador e acesso à internet? Tem geladeira em casa?; etc.), das quais posteriormente é criado um índice, o qual não obtivemos acesso.

6. Considerações Finais

A divisão das nossas análises foi feita por questões que se relacionavam com determinados conceitos (*campo e habitus, capital cultural e social, sexo e raça*) e para a exposição separamos elas de acordo com esses conceitos. Em uma análise estatística nenhuma das correlações apresenta um coeficiente forte o suficiente para criarmos hipóteses utilizando essas correlações. Porém essas correlações nos indicam tendências e também refutam alguns dos pressupostos que estávamos propondo.

Dentro do bloco das questões referentes ao *capital cultural* encontramos variações descritivas muito pequenas enquanto os coeficientes nos dizem que a correlação entre as variáveis é fraca, o mesmo acontece com as questões referentes ao *capital social*.

As correlações referentes a relação entre os diferentes *campos* (escolar e familiar) que o(a) aluno(a) está inserido e os diferentes *habitus* desses respectivos *campos* nos apresentam uma não correspondência entre hábito alimentar em casa com o hábito alimentar na escola, devido a não existência de uma relação entre comer ou não em casa e fazer uso ou não da alimentação escolar.

O Quadro 4 nos diz que o cardápio tem influência, embora fraca, na escolha do(a) aluno(a) em fazer uso da alimentação escolar. O coeficiente de *pearson* negativo nos indica que existe uma tendência dos(as) alunos(as) a preferirem o “Lache doce”. Devido às

características do programa e sua responsabilidade com a Alimentação Saudável o “Lanche doce” é servido um número muito menor de vezes. Sendo assim, a “Refeição salgada” seria considerada pelo(a) aluno(a) como alimento, enquanto que o “Lanche doce” seria considerado como comida. Com efeito, percebemos que a alimentação escolar para os(as) alunos(as) possui um caráter simbólico além da necessidade fisiológica, pois existe uma tendência nos(as) alunos(as) a fazerem uso da alimentação escolar somente quando algo que eles considerem como “comida” esteja sendo servido.

Isso nos remete ainda a criação de um estigma relacionado ao uso da alimentação escolar, pois existindo uma diferença entre os significados sobre o cardápio da alimentação escolar, os seus diferentes usos acontecem devido a esses significados, podendo se constituir como uma categoria de diferenciação entre os(as) alunos(os), o que pode acarretar em preconceitos e discriminações.

Todas as correlações propostas, por serem muito fracas ou por serem refutadas, nos sugerem a existência de um *habitus* próprio do *campo escolar* o qual teria como valor legítimo a não utilização da alimentação escolar. Com efeito, a correlação com a série que estão cursando os (as) alunos (as) foi a que apresentou uma análise descritiva com as maiores variações enquanto que o coeficiente da correlação (0,124) foi o mais significativo que obtivemos. Sendo assim, embora estatisticamente não tenhamos ferramentas para a criação de uma hipótese, podemos dizer que existe uma tendência de que quanto mais

internalizado o *habitus* escolar menos os alunos fazem uso da alimentação escolar.

O avanço na carreira escolar também corresponde com uma mudança de condição, de criança para pré-adolescente. Quanto maior a idade menos o(a) aluno(a) come na escola, sendo o não uso da alimentação escolar um *habitus* no *campo* escolar, isso nos revela uma maior preocupação com o seu status, seja querendo demonstrar que é mais independente através disso ou querendo esconder a sua condição social.

Bibliografia

BARBETTA, Pedro. **Estatística para as Ciências Sociais**. Florianópolis, Ed. UFSC, 2001.

BATISTA FILHO, Malaquias. **O Brasil e a segurança alimentar**. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.* [online]. 2007, vol.7, n.2, pp. 121-122. ISSN 1519-3829. <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292007000200001>.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, [1989]

BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afranio Mendes. **Escritos de educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 351p.

BEZERRA, José Arimatea Barros. **Alimentação e escola: significados e implicações curriculares da merenda escolar**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2009, vol.14, n.40, pp. 103-115. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782009000100009>.

CARVALHO, Daniela Gomes; CASTRO, Vanessa Maria. **O Programa Nacional de Alimentação Escolar : PNAE como política pública de desenvolvimento sustentável**. [online]: www.territoriosdacidadania.gov.br/o/380151

Construção do Sistema e da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional: a experiência Brasileira, 2009. [online]: http://www2.planalto.gov.br/consea/biblioteca/publicacoes/copy_of_ver_sao-em-portugues)

COSTA, Liliam Magda Campos. **O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) na Perspectiva dos Usuários: um estudo de caso**. Fortaleza, 2004. [online]: <http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/091.pdf>

MUNIZ, Vanessa Messias; CARVALHO, Alice Teles de. **O Programa Nacional de Alimentação Escolar em município do estado da**

Paraíba: um estudo sob o olhar dos beneficiários do Programa. *Rev. Nutr.* [online]. 2007, vol.20, n.3, pp. 285-296. ISSN 1415-5273. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732007000300007>.

PARO, Vítor. *Gestão Democrática da escola Pública*. São Paulo: Ática, 2003.

PRADO, Shirley Donizete. **A pesquisa sobre segurança alimentar e nutricional no Brasil de 2000 a 2005:** tendências e desafios. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2010, vol.15, n.1, pp. 7-18. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000100002>.

ROSA, Dora Leal. **Trabalho Pedagógico e Socialização:** Considerações sobre a contribuição da escola para a formação do sujeito moral. 2000. [online]: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1407t.PDF>

ROSE, Donald Diego. **Interventions to reduce household food insecurity:** a synthesis of current concepts and approaches for Latin America. *Rev. Nutr.* [online]. 2008, vol.21, suppl., pp. 159s-173s. ISSN 1415-5273. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732008000700014>.

ROSENBERG, Ondina. **A merenda escolar dos alunos das quatro primeiras séries de nível I das escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.** Brasil. *Rev. Saúde Pública* [online]. 1978, vol.12, n.1, pp. 55-66. ISSN 0034-8910. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101978000100007>.

SILVA, J. M. **A Autonomia da Escola Pública:** a re-humanização da escola. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SILVA, José Graziano da. **Segurança alimentar:** uma agenda republicana. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 48, Aug. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000200004&lng=en&nrm=iso>. *access* on 04 Feb. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000200004>.

VIANNA, Rodrigo Pinheiro de Toledo e TERESO, Mauro José Andrade. **O programa de merenda escolar de Campinas**: análise do alcance e limitações do abastecimento regional. *Rev. Nutr.* [online]. 2000, vol.13, n.1, pp. 41-49. ISSN 1415-5273. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732000000100006>.

Anexos

Anexo 1:

Secretaria Municipal de Educação
Avaliação Institucional da RME
Crianças e Adolescentes (4ª a 8ª Séries)

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO

Marque assim: Nunca marque assim:

1 - Sexo
 Feminino Masculino

2 - Como você se considera?
 Branco(a) Pardo ou moreno(a) Indígena
 Negro(a) Amarelo(a)

3 - Qual é a sua idade?
 9 anos ou menos 11 anos 13 anos 15 anos
 10 anos 12 anos 14 anos 16 anos ou mais

4 - Você já foi reprovado?
 Nunca reprovou. Sim, 2 vezes. Sim, mais de 3.
 Sim, 1 vez. Sim, 3 vezes

5 - Você já parou de estudar?
 Nunca parei de estudar. Parei de estudar três vezes.
 Parei de estudar uma vez. Parei de estudar por mais de três vezes.
 Parei de estudar duas vezes.

6 - Você possui alguma deficiência?
 Não tenho nenhuma deficiência. Sou surdo ou mudo.
 Tenho deficiência física. Tenho deficiência mental.
 Tenho deficiência visual.

7 - Quantas pessoas moram em sua casa?
 1 3 5 7 9
 2 4 6 8 10 ou mais.

8 - Com quem você mora? (Assinale uma ou mais opções)
 Mãe Tio Irmão Sobrinho Outros
 Pai Tia Irmã Sobrinha
 Avô Primo Padrasto Conhecido
 Avó Prima Madrasta Conhecida

9 - Quantas pessoas dormem no mesmo quarto com você?
 Não tem quartos na casa.
 Durmo sozinho.
 Durmo com mais uma pessoa.
 Durmo com mais duas pessoas.
 Durmo com mais três pessoas ou mais pessoas.

10 - Qual é a escolaridade da pessoa que mais contribui financeiramente com o sustento da família?
 Analfabeto ou até 3ª série fundamental. Médio completo.
 4ª série fundamental. Superior completo.
 Fundamental completo. Não sei.

11 - Na sua casa tem televisão?
 Sim, uma Sim, três Não tem
 Sim, duas Sim, quatro ou mais

12 - Na sua casa tem rádio?
 Sim, uma Sim, três Não tem
 Sim, duas Sim, quatro ou mais

13 - Na sua casa tem dvd ou videocassete?
 Sim Não

14 - Onde você mora chega água pela torneira?
 Sim Não

15 - Na sua casa tem banheiro?
 Não tem Sim, dois
 Sim, um Sim, três ou mais

16 - Na sua casa tem quarto para dormir?
 Não tem Sim, dois
 Sim, um Sim, três ou mais

17 - Na sua casa tem geladeira?
 Sim Não

18 - Na sua casa tem freezer?
 Sim Não

19 - Na sua casa tem máquina de lavar roupa?
 Sim Não

20 - Na sua casa tem carro?
 Não tem Sim, um
 Sim, dois Sim, três ou mais

21 - Na sua casa trabalha alguma empregada doméstica ou babá?
 Não tem Sim, uma Sim, duas

22 - Na sua casa você tem uma escrivaninha ou mesa só para estudar e fazer as tarefas escolares?
 Sim Não

23 - Na sua casa tem computador?
 Não tem computador. Sim, com internet Sim, mas sem internet

24 - Além dos livros escolares, quantos livros há em sua casa?
 Nenhum De 1 a 20 livros De 21 a 100 livros Mais de 100 livros

25 - Quem é a pessoa que acompanha mais de perto as atividades escolares (marque apenas uma alternativa)
 Mãe Tio Irmão Professor(a) Particular
 Pai Tia Irmã Conhecido(a)
 Avô Primo Padrasto Ninguém
 Avó Prima Madrasta

26 - Você vê a pessoa que mais acompanha sua vida escolar lendo livros, jornais e revistas?
 Sim Não

27 - Até que série a pessoa que acompanha mais de perto sua vida escolar estudou?
 Nunca estudou 1
 Não completou a 4ª série (antigo 2
primário) 3
 Completou a 4ª série (antigo primário) 4
 Não completou a 8ª série (antigo ginásio) 5
 Completou a 8ª série (antigo ginásio) 6
 Não completou o Ensino Médio (antigo 2º grau) 7
 Completou o Ensino Médio (antigo 2º grau) 8
 Começou, mas não completou a Faculdade 9
 Completou a Faculdade 10
 Não sei

28 - Sua mãe sabe ler e escrever?
 Sim Não Não sei

29 - Você vê a sua mãe lendo livros, jornais ou revistas?
 Sim Não

30 - Até que série sua mãe estudou?

- Nunca estudou
- Não completou a 4ª série (antigo primário)
- Completou a 4ª série (antigo primário)
- Não completou a 8ª série (antigo ginásio)
- Completou a 8ª série (antigo ginásio)
- Não completou o Ensino Médio (antigo 2º grau)
- Completou o Ensino Médio (antigo 2º grau)
- Começou, mas não completou a Faculdade
- Completou a Faculdade
- Não sei

31 - Seu pai sabe ler e escrever?

- Sim
- Não
- Não sei

32 - Você vê o seu pai lendo livros, jornais ou revistas?

- Sim
- Não

33 - Até que série seu pai estudou?

- Nunca estudou
- Não completou a 4ª série (antigo primário)
- Completou a 4ª série (antigo primário)
- Não completou a 8ª série (antigo ginásio)
- Completou a 8ª série (antigo ginásio)
- Não completou o Ensino Médio (antigo 2º grau)
- Completou o Ensino Médio (antigo 2º grau)
- Começou, mas não completou a Faculdade
- Completou a Faculdade
- Não sei

34 - Seus Pais ou responsáveis:

	Sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
Costumam comprar livros ou revistas?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vão à reunião de pais na escola?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Almoçam ou jantam com você?	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvem música com você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
Conversam sobre livros com você?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conversam sobre filmes com você?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
Conversam sobre programas de TV com você?	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ajudam você a fazer a lição de casa?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Coziram se você fez a lição de casa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
Falam para você não falar à escola?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
Cobram de você boas notas?	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35 - Você lê:

	Sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
Revistas em quadrinhos?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outras revistas?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Livros de histórias infantis?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornais?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>

36 - Você costuma ir:

	Sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
Ao cinema?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ao teatro?	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
A shows de música?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>

37 - Você ajuda em casa em dias de aula?

- Sim
- De vez em quando
- Não

38 - Você trabalha fora de casa em dias de aula?

- Sim
- De vez em quando
- Não

39 - O que você faz nas suas horas de lazer? (Assinale as três mais importantes)

- Brincar/conversar com os amigos(as)
- Jogar videogame
- Ir à praia
- Navegar na internet
- Andar de bicicleta
- Ver TV
- Dançar
- Ler livros ou revistas
- Jogar futebol
- Outros

40 - Assinale quais das atividades abaixo você faz no horário que não está em aula.

- Frequenta ONG ou CEC
- Participa de ações pedagógicas ou reforço escolar
- Participa de projetos educacionais da escola (arte, esporte, música, teatro, dança, Jull, etc de acordo com o projeto)
- Participa de algum curso de esporte, língua estrangeira ou informática
- Vai à biblioteca ou livraria
- Frequenta algum grupo ou curso religioso
- Não faço nenhuma delas

41 - Você lê ou faz pesquisa na biblioteca da escola?

- Sempre ou quase sempre
- Nunca ou quase nunca
- De vez em quando

42 - Qual dos meios de transporte abaixo você utiliza com mais frequência para ir à escola?

- Ônibus de linha
- Transporte escolar (Van)
- De carro com seus pais ou responsáveis
- De bicicleta
- A pé

43 - Quanto tempo você fica vendo TV em dias de aula?

- 1 hora ou menos
- 2 horas
- 3 horas
- Não vejo televisão

44 - Você utiliza a sala informatizada da sua escola?

- Não há sala informatizada em minha escola
- Sempre ou quase sempre
- De vez em quando
- Nunca ou quase nunca

45 - Em que situação você utiliza a sala informatizada da escola?

- Não há sala informatizada em minha escola
- Com professor(a) em atividades de aula
- Sozinho(a)
- Fora do horário de aula

46 - Você faz consulta para seus trabalhos escolares na internet?

- Sempre ou quase sempre
- De vez em quando
- Nunca ou quase nunca

47 - Quanto tempo você fica na internet em dias de aula?

- 1 hora ou menos
- 2 horas
- 3 horas
- Não uso internet

48 - Com que frequência você faz uso da alimentação escolar?

- 1 a 2 vezes por semana
- Todos os dias da semana
- 3 a 4 vezes por semana
- Nunca

49 - Quantas refeições por dia você faz na escola?

- 1 refeição
- 2 refeições
- 3 refeições
- 4 refeições
- Nenhuma

50 - O que você mais gosta de comer na escola?

- Lanche doce (ex: acochocolado e bolacha, banana com farinha láctea, Suco e bolo, entre outros).
- Refeição salgada (ex: arroz com feijão, carne, saladas, entre outros)

51 - Você costuma se alimentar antes de ir para a escola?

- Sim
- Não

52 - Você costuma se alimentar ao chegar da escola?

- Sim
- Não

53 - Quais alimentos você costuma comer em casa?

- Bolachas recheadas
- Feijão
- Saladas
- Arroz
- Salgadinho tipo chips
- Carnes/ovos
- Frutas